

A Teoria Pós-Colonial na Tradução: Caminhos à Descolonização Através da Arte e Educação

Klondy Agra

Índice

Introdução	1
1 A Tradução como Ferramenta de Colonização	2
2 A Teoria Pós-Colonial e sua Aplicabilidade na Tradução	3
3 A Tradução Pós-Colonial: A Teoria Aplicada	5
4 Outras Considerações	8
Outras Considerações	8
Referências	9

Resumo

A Teoria Pós-Colonial, com o intuito de enunciar aquilo que era negligenciado pelas correntes eurocêntricas, trouxe à prática da tradução a discussão de temas como desigualdades sociais, opressão colonial e autoritarismo, entre outros, proporcionando, desse modo, a pluralidade de vozes, encaminhando traduções e retraduições (*translation back*) à descolonização e a interculturalidade. Neste artigo, discuto a importância do conhecimento e estudos Pós-Coloniais nos processos de tradução e na condução do conhecimento e reflexão sobre questões que conduzem à descolonização através da arte e da educação.

Palavras-chave: Teoria Pós Colonial, Tradução, Retradução.

Abstract

The Post-Colonial Theory, with the aim of stating what was neglected by the Eurocentric current brought to the practice of translation discussion of issues such as social inequalities, colonial oppression and authoritarianism among others, providing thereby a plurality of voices, forwarding translations and re-translations (*translation back*) decolonization and interculturality. In this article, I discuss the importance of post-colonial theory in translation processes and in the conduct of knowledge and reflection on issues that lead to decolonization through art and education.

Key words: Post Colonial Theory, Translation, Translation back.

Introdução

O desejo pós-colonial de retraduzir está relacionado ao desejo de reescrever a história. O ato de reescrever se baseia num ato de ler, pois a tradução dentro de um contexto pós-colonial envolve aquilo que Benjamin chamaria 'citação' e não 'esquecimento absoluto'. Aqui não há uma simples ruptura com o passado, mas uma

reescritura radical do mesmo. Niranjana, T. (1992).

REPENSAR a tradução como forma de integrar culturas e pontos de vista, remete-nos a observar as teorias que nos fazem perceber que o ato de traduzir não é apenas uma questão de significados no dicionário ou de extensões de significados. Dentre essas teorias, um dos caminhos que vem orientando tradutores à interculturalidade é a Teoria Pós-Colonial. Neste artigo, procuro discutir a importância do conhecimento e estudos Pós-Coloniais nos processos de tradução. Tradução que vejo como um processo que envolve todos os tipos de estágios no processo de transferência lingüística e de transferência intercultural por ser o resultado de um processo de compreensão da visão do autor e da re-tradução de contextos e cenários pelo tradutor.

A Teoria Pós-Colonial, com o intuito de enunciar aquilo que era negligenciado pelas correntes eurocêntricas, trouxe à prática da tradução a discussão de temas como desigualdades sociais, opressão colonial e autoritarismo, entre outros, proporcionando, desse modo, a pluralidade de vozes, encaminhando traduções e re-traduções (*translationback*) à descolonização e a interculturalidade.

Com conhecimentos pós-coloniais voltados a tradução, acredito que o tradutor possa desvendar questões que lhe permitam esclarecer pontos obscuros e errôneos no texto de origem, com a observação de pontos de vista colonizadores e /ou preconceituosos, corrigindo-os através de notas de rodapé e observações. Desse modo o tradutor passa, com a utilização de conhecimentos pós-coloniais, não só a integrar culturas, traduzindo contextos e cenários, mas também,

permite que o seu leitor tenha oportunidade de conhecer e refletir sobre questões que o conduzem à descolonização através da arte e da educação.

1 A Tradução como Ferramenta de Colonização

A Ocidentalização do mundo começou no século XV, com o processo histórico da colonização da África, da América e da Ásia. Primeiramente, os colonialistas espanhóis, portugueses e europeus, em geral, necessitavam legitimar a imposição de seus sistemas aos povos indígenas da América, Ásia e África. Esse processo implicou na construção ideológica que permitiria fabricar peça por peça, a inferioridade de suas vítimas, mecanismo ideológico que serviu para justificar toda sorte de injustiças.

Denegrir o oprimido é a regra fundamental em uma escala de valores que pertencem à cultura dominante, estruturada a partir da imposição da universalidade de sua civilização, considerada como a melhor e única, individual visão do mundo, de sociedade, de economia, de política e de cultura.

A partir desses pontos de vista, a imposição da cultura colonialista passou, também, a ser transmitida através da literatura, da arte e da educação. Trabalhos técnicos, resultados de pesquisas e obras literárias traziam entre linhas, o pensamento colonizador, com sentidos construídos em suas culturas¹, de-

¹A respeito desse construto, Ferrarezi Jr. (2003) comenta: Os sentidos se constroem culturalmente, e tudo o que é construído culturalmente é, obrigatoriamente, vinculado a valores culturais. Por isso mesmo os sentidos expressam, além de suas ações referenciais, valores culturais e, por isso, geram uma *impressão* desses valores nas mentes dos falantes. É

negrindo ou desprezando a cultura do colonizado. Nos trabalhos de tradução, esses sentidos e representações colonialistas não ficam isolados.

No livro *Siting Translation*, a autora indiana Tejaswini Niranjana (1992:02) mostra como a prática de tradução serviu de ferramenta extremamente eficaz na manutenção de poder nos contextos de colonização: "A tradução como prática amolda e, ao mesmo tempo, adquire sua forma dentro das relações assimétricas de poder que operam sob colonialismo". Ou seja, tanto a prática da tradução, como a condição colonial, se fixam e se assentam sobre as desigualdades existentes entre as partes envolvidas.

A problemática de tradução em situações de colonização se consolidou mediante o enquadramento progressivo dos nativos dentro do novo regime opressivo e cerceador. Com a passagem do tempo, os colonizados passam a acreditar que sua condição de subalteridade faz parte da ordem das coisas e, com isso, se deixam dominar pelos colonizadores, oferecendo-lhes quase nenhuma resistência.

No processo de colonização, o pensamento colonizador e a tradução caminharam, por longo tempo, lado a lado. Com o agravante e a pretensão da colonização ser entendida pelos colonizadores como um processo eminentemente tradutório através do

a partir dessas impressões de valores que construímos nossas representações. Mas, elas - as impressões de valores culturais - não são as representações, pois elas são, ainda, somente um construto cultural e compartilhado, e as representações são subjetivas, pessoais. (In: Ferrarezi Jr., Celso - 2003b). "A especialização dos sentidos: palavra, contexto e cenário". "(mimeo)". Texto fornecido no curso de Mestrado em Lingüística.

qual aos sujeitos de uma fala estranha e incompreensível é concedida certa inteligibilidade.

2 A Teoria Pós-Colonial e sua Aplicabilidade na Tradução

A discussão sobre a necessária descolonização através da tradução começou a tomar forma com o conhecimento do pós-colonialismo pela academia. Segundo teóricos, o surgimento da Teoria Pós-Colonial na academia ocidental foi marcado com a publicação da obra de Edward Said intitulada *Orientalism*. Firmando-se com a publicação da obra *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures* por Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin (1992).

Com seu desenvolvimento, os estudos pós-coloniais passaram a discutir não só o colonialismo e seus efeitos, mas toda e qualquer forma de opressão, injustiça, desigualdade e exploração. Para Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin (1992), "literatura pós-colonial é a literatura produzida por aqueles povos que foram colonizados pelas forças imperiais européias e afirmam: "pós-colonial cobre "todas as culturas afetadas pelo processo imperial desde o momento da colonização até os dias atuais."(2) O pós colonial interroga e subverte "as formações discursivas imperiais" (4). Helen Tiffin ainda acrescenta que as culturas pós-coloniais "são inevitavelmente hibridizadas e envolvem uma relação dialética entre os conceitos europeus de ontologia e epistemologia e o impulso de criar e recriar a identidade local independente (1995: 95)".

O pós-colonialismo surge, então, como

uma forma de combater os efeitos da colonização e as novas formas de autoritarismo, dominação e opressão. Compreende-se, portanto, como uma teoria que pode ser aplicada a diversas áreas do conhecimento, não fica restrita aos meios acadêmicos e se colocada na prática, pode interferir no dia a dia de toda a sociedade.

Autores do pós-colonialismo, como Homi Bhabha, Diana Brydon e outros sugerem que a luta contra colonialismo e opressão é muito complexa. Complementam, ainda que, não se pode simplesmente estabelecer uma luta binária entre colonizado versus colonizador. Homi Bhabha, por exemplo, sugere que a resistência ao discurso colonial não é necessariamente um ato de oposição, mas o efeito de uma ambivalência produzida dentro do discurso colonizador. Bhabha afirma que mais que negação, nós precisamos de negociação para resistir a idéias dominantes (1994: 25-26). Diana Brydon sugere que a dialética da descolonização envolve uma contínua interrogação “dos meios pelos quais o discurso dominante se constrói como axiomático” e que a relativização do aparentemente axiomático envolve uma volta às raízes do discurso dominante (1993:79).

Desse modo, os estudos da Teoria Pós-Colonial trouxeram mudanças, não só aos conceitos de tradução, mas também conceitos, abordagens e metodologias de outras importantes áreas do conhecimento, tais como: a educação, a antropologia, sociologia e comunicação. Várias opiniões passaram a ser discutidas após os estudos pós-coloniais. Assim, tal como o pós-colonialismo sugere resistência ao colonialismo e ao colonial, o tradutor que instrumentaliza conhecimentos pós-coloniais no processo de seu trabalho, oferece resistência a interpretações errôneas

do autor e procura esclarecê-las com a utilização de notas e observações.

Segundo Sapir (1927), inúmeras atividades nas interações humanas operam de acordo com um código elaborado e secreto que não está escrito em parte alguma, conhecido de ninguém, porém compreendido por todos. Entende-se que Sapir esteja aí se referindo a cultura encoberta ou implícita. Cuja significação, de acordo com Epstein (1993), recobre aqueles segmentos da cultura que não são explicitados pelos seus portadores, mas que devem ser reconstituídos pelo analista. Segmentos da cultura recheados de fatores que influem na leitura e compreensão de dados, fatores tais como: diferenças culturais geradoras de preconceitos, sentidos colonialistas e outros que se não forem investigados e descobertos pelo tradutor, este profissional incorrerá em equívocos e pontos de vista enganosos. A Teoria Pós-Colonial, seu estudo e discussão também é de grande valia para esse envolvimento, tradutor *versus* cultura encoberta ou implícita.

Tradutores com conhecimento da Teoria Pós-Colonial, não traduzem por traduzir, traduzem esclarecendo o que há por detrás do ponto de vista do autor, sugerem reflexões sobre colonialismo e formas de descolonização que servem para nossa realidade. Olham para o texto e, sem fugir do original, recheiam sua obra com notas de roda-pé e observações procurando por esclarecer sobre teorias e/ou ideologias que motivaram o olhar do autor sobre o grupo descrito ou cenário pesquisado, pois o estudo pós-colonial proporciona a esse tradutor a ferramenta necessária para que ele reconheça quando um grupo pode estar de alguma forma sendo beneficiado em detrimento de outros.

O tradutor pós-colonial compreende a tra-

dução como um procedimento que não envolve simplesmente a mudança do significado e não vê esse processo como meramente, a substituição do léxico e da gramática da língua A para a língua B, mas sim, o vê como um processo que traduz a cultura e envolve sentidos culturalmente construídos pelo autor e pelo tradutor, suas representações e seus pontos de vista. Desse modo, o tradutor pós-colonial, em busca de uma tradução coerente, procura construir sentidos em ambos os contextos: na cultura pesquisada e na cultura alvo.

Podemos dizer que o tradutor em posse de conhecimentos pós-coloniais tem consciência sobre a necessária permanência da diversidade cultural nas obras traduzidas, pois ele sabe que a assimilação completa da cultura de um grupo por outro não deve ser encorajada para que não se perca a riqueza da diversidade.

A Teoria Pós-Colonial, portanto, conduz o tradutor a leitura da obra original, registrando conceitos ou “visões de mundo” diferenciadas, carregadas de preconceitos. Palavras, expressões ou cognomes que traduzam conceitos a serviço do colonizador. Muitas delas criadas pela própria comunidade descrita na obra, a partir de idéias ou concepções que lhes foram periodicamente passadas de variadas formas diferentes. Muitas vezes pelo próprio colonizador, pelos antepassados, pela escola etc.e, num trabalho responsável, esse tradutor ensina e educa, evitando o tornar comum à cultura do dominante e evitando que suas ideologias sejam cada vez mais assimiladas pelos dominados. Ajuda seus leitores a definir e fortalecer suas identidades.

Desse modo, o pós-colonialismo permite ao tradutor analisar a obra a procura pela

transformação dos papéis e dos significados que compõe a história da obra analisada, decifrá-los e localizá-los. E fazendo isso, o tradutor se apossa do papel pós-colonial, que é transgressor, pois convida o leitor para repensar o que foi dito e que revela a visão colonialista, eurocêntrica e/ou preconceituosa sobre contextos e cenários descritos e pesquisados e tem a oportunidade de, através de notas e observações, encaminhar o leitor ao esclarecimento de pontos obscuros.

3 A Tradução Pós-Colonial: A Teoria Aplicada

A partir de 1970, o tema colonização tornou-se presente nos meios acadêmicos. A obra de Edward Said, *Orientalism*, trouxe a academia discussões de temas que formaram novos conceitos. Estudiosos de áreas variadas do conhecimento humano reafirmaram ou negaram questões já discutidas. Com a consolidação do termo *pós-colonial*, com a publicação da obra de Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin (1989) – *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures* – surgem propostas de, através desses estudos, obterem condições de traduções e retraduções com propostas de descolonização através da arte e da educação.

Com essa proposta, várias foram as obras analisadas, traduzidas e retraduzidas com o intuito de demonstrar a aplicabilidade da Teoria Pós-Colonial na tradução como forma de descolonização.

Ao pesquisar sobre estudos pós-coloniais e sua influência em campos tão diversos como a sociologia, ciência política, teoria literária, antropologia, educação e tradução,

encontramos autores importantes como Fanon², Stuart Hall, Edward Said, Paulo Freire, Peter McLaren, Gayatri Spivak, Arjun, Appadurai, Bhabha, Nenevé entre outros.

Sobre o tema, Nenevé afirma: “o pós-colonialismo veio, de fato, mudar conceitos, abordagens e metodologias não somente na literatura, mas em outras áreas do conhecimento humano. Vários conceitos passaram a ser desafiados ou rejeitados, enquanto outros valorizados, após a emergência dos estudos pós-coloniais”. (UNIR – 2006)

Segundo Nenevé, “o conceito de “universal” na literatura, por exemplo, sempre agenciada pelo dominante, com certeza deixou de existir ou ao menos ficou muito abalado” e fortalece seus argumentos com a citação de Stuart Hall:

Stuart Hall diz que a “pós-colonialidade, de uma maneira curiosa, preparou o indivíduo para viver numa relação pós-moderna ou diaspórica com a identidade.” Nesta concepção, a identidade é então algo que pode ser mutável, re-locada na geografia da psique. Isso ajuda a redefinir noções de fronteiras e redistribuir valores do poder político entre os povos. Este é um conceito que ajuda a ler as literaturas de fronteiras ou aqueles textos que tratam de deslocamento e hibridismo.

²Alguns críticos acreditam que o “pós-colonial te-nha surgido na conhecida obra de Frantz Fanon, *The Wretched of the Earth* (1961), sua teoria em *Orientalism*, de Edward Said (1978) e seu senso crítico em *The Empire Writes Back*, de Ashcroft, Griffiths e Tiffin (1989)” (In: Jameela Begum; 2000:17-18).

Apoiado em argumentos de críticos e teóricos pós-coloniais, Nenevé complementa:

A diáspora proporciona a recriação de identidade, a redefinição do coletivo e do indivíduo que faz mover do sentido do “outro” para a afirmação de si. Assim, a literatura ajuda a redefinir o espaço e a linguagem, provocando uma tensão entre a cultura imposta/internalizada e a resistência, problematizando as pressuposições racionais e históricas inerentes à metafísica do Ocidente. Para Gayatri Spivak (1988), uma das críticas mais radicais vindas do Ocidente, hoje, é o resultado de “um desejo interessado de conservar o sujeito do Ocidente, ou o Ocidente como Sujeito.” (25). O Ocidente que pode falar, que pode representar e julgar os “outros.” Em referência à contextualização de várias articulações pós-coloniais e em conjunção com a sua interdependência global, Gayatri Spivak (1989) sugere que é relevante perguntar “que tipo de código produziu este texto?”. Como podemos representar o subalterno ou “como podemos tocar a consciência das pessoas, mesmo se investigarmos sua política? Com que voz-consciência o subalterno pode falar?” (Ashcroft, 1995: 27).

Nenevé nos oferece interessante contribuição também em *On Translating P.K Page’s Brazilian Journal into Portuguese* quando

comenta sobre a manutenção da língua pela autora estrangeira. De acordo com Nenevé as palavras na língua original ajudam o autor a ilustrar o que ele não consegue traduzir à sua audiência norte-americana.

Sobre a matéria, o referido autor complementa (2003:164):

Pode ser um indício de que o autor esteja ciente de que a língua é o espelho da realidade que ele quer retratar. Nesse sentido, o autor pode estar tentando assegurar-se que ao manter as palavras na língua original, escapa do perigo de interpretar erroneamente uma cultura e uma visão de mundo. Ademais, segundo Nenevé, se observarmos por um outro lado, a manutenção da língua pode ser interpretada como um recurso do autor para manipular a realidade e enfatizar aspectos que interessam apenas ao observador.

Em todos os trabalhos concluídos e publicados sobre o tema, Nenevé procura demonstrar a importância desses conhecimentos para a análise e interpretação de pontos de vista do autor em trabalhos de tradução e do tradutor em trabalhos de retradução. Em seus ensinamentos, o autor afirma que a fidelidade no trabalho de tradução é necessária, tanto para com a fonte, quanto para com a audiência, mas embasado à Teoria Pós-Colonial, ele deixa claro que se compreende como mais colonizador e de necessária e urgente intervenção, o processo de tradução, a divulgação e a permissão de assertivas construídas com sentidos imperialistas do tradutor, processo que, ao ausentar a coerente revisão do tradutor através de notas de rodapé

ou outros recursos, transgridem a realidade observada e podem propiciar uma visão crítica do leitor.

De acordo com teóricos, a re-tradução, assim como a tradução, dá oportunidade ao tradutor a reavaliação da visão imperialista do autor e, por conseguinte, oportunidade para desfazer ou esclarecer contradições. Sobre a re-tradução com vistas à reavaliação Bassnett e Trivedi (1999:5) comentam: “*Teóricos pós-coloniais estão, cada vez mais, voltando a atenção a traduções e revendo os termos: apropriação e reavaliação*”³ [Minha tradução].

A tradução através da apropriação, de acordo com tais teóricos, é mais uma forma de perpetuar o processo de colonização, enquanto que a reavaliação permite a renegociação, a exploração de um terceiro espaço, a interculturalidade. É esse terceiro espaço, segundo eles, que permite ao tradutor iludir a política de polaridade e emergir como o outro em nossos próprios espaços.

É na tradução de obras com vestígios colonialistas que é possível mostrar toda a força do leitor e agir livremente como um escritor, modificando ou esclarecendo a sua audiência pontos imperialistas. Pois, a tradução, como já se observou em outros capítulos, vem há séculos sendo guiada pela visão colonizadora e a re-tradução de contextos e cenários próprios da cultura do tradutor, poderia ser marcado pela tentativa de modificar tal situação. Sobre este tema Bassnett e Trivedi (1999:5) esclarecem:

A relação íntima entre colonização e tradução caiu sob escrutí-

³Post-colonial theorists are increasingly turning to translations and both reappropriating and reassessing the term itself (Bassnett e Trivedi, 1999:5).

nio; nós podemos agora perceber até que ponto as traduções foram por séculos um processo de mão única, com textos sendo traduzidos para línguas europeias para consumo europeu, no lugar da tradução como um processo de troca recíproca⁴. [Minha tradução]

Com a aplicação da Teoria Pós-Colonial, o tradutor consegue ver entre linhas e enxergar detalhes da obra que anteriormente eram desprezados, tais como: a tendência à generalização, suposições de superioridade cultural e a manutenção da língua como recurso do autor para manipular a realidade e enfatizar aspectos que interessam apenas ao colonizador, entre outros. Estudos pós-coloniais aplicados à tradução são, portanto, elucidativos. Permitem a abordagem de questões que só tais estudos colocaram à tona na academia, nas salas de aula e nas mais recentes traduções.

4 Outras Considerações

Ao discutir a tradução e a aplicabilidade da Teoria Pós-Colonial nesse processo como caminhos à descolonização através da arte e educação, lembro de recorrer às contribuições teóricas de Jacques Derrida, um dos pilares sobre estudos relacionados ao tema da tradução. Derrida em seu livro intitulado *Torres de Babel*, analisa um ensaio de Walter

⁴The close relationship between colonization and translation has come under scrutiny; we can now perceive the extent to which translation was for centuries a one-way process, with texts being translated into European languages for European consumption, rather than as part of a reciprocal process of exchange (Bassnett e Trivedi, 1999:5).

Benjamin cujo título é *A tarefa do tradutor*, no qual tece considerações a respeito da missão do tradutor e uma possível dívida no ato tradutório ao afirmar que “O tradutor é endividado, ele se apresenta como tradutor na situação da dívida; e sua tarefa é de devolver, de devolver o que devia ter sido dado” (2002: 27). Tal afirmativa de Derrida, com certeza, condiz com a capacidade do tradutor que utiliza a Teoria Pós-Colonial, ele adquire a habilidade de devolver ao leitor o que deveria ter sido dado a ele pelo próprio escritor.

Por certo, outras abordagens servirão também de suporte ao tradutor para que ele alcance o sucesso de sua tradução. No entanto, a exemplo do que Bhabha (2003) nos diz em seu *O local da cultura*, sobretudo quando nos remete a idéia de tradução como *negociação*, há uma ligação histórica, política, cultural e, sobretudo, literária que se encontram no delicado terreno do deslocamento cultural que só permite ser analisado pelo tradutor que passa pelo estudo da Teoria Pós-Colonial, “uma vez que o hibridismo cultural e histórico do mundo pós-colonial é tomado como lugar paradigmático de partida” (2003: 46).

Ao mencionar esse terreno delicado do deslocamento cultural que exige do tradutor conhecimentos pós-coloniais, reflito sobre outra questão que pode ser entendida enquanto um *entre-lugar* de enunciação comum a outras nações que se ocupam ou se aproximam de outros discursos. E aí, também, a tradução exige conhecimentos pós-coloniais, pois é um processo atravessado por outra cultura, ou outras culturas.

Destarte, são esses conhecimentos pós-coloniais que permitirão ao tradutor observar pontos na obra original e na tradução, a fim de, com conhecimento de causa, apon-

tar pontos obscuros ou enganosos na leitura e interpretação do cenário pelo autor e tradutor, procurando *o entre-lugar*, fazendo o que podemos chamar de “varredura”, para uma correta análise. Sobre *o entre-lugar* na tradução, Homi Bhabha (1994:38-9) observa:

Nós devíamos lembrar que é o ‘entre’ – o fio cortante da lâmina da tradução e renegociação – o entre lugar – é o que leva o fardo do significado da cultura. É o que faz possível começar a enfrentar histórias antinacionalistas sobre os povos. E, é através da exploração deste terceiro espaço que podemos iludir a política de polaridade e emergir como os outros em nós mesmos⁵. [Minha tradução]

Estudos pós-coloniais possibilitam ao tradutor vasculhar esse “terceiro espaço” em busca da tradução coerente, construindo e especializando sentidos na cultura descrita. O faz procurar por uma tradução como um processo que envolve não só a língua, mas também a cultura, sistemas políticos e a história. Um processo, que por não ser uma simples atividade estética, pode ocultar problemas ideológicos e conter assertivas da supremacia dominante. O faz procurar por elementos que lhe clareiem os seguintes fatores:

1. a transmissão de elementos de uma cultura para outra;

⁵We should remember that it is the ‘inter’ - the cutting edge of translation and renegotiation, the in-between space - that carries the burden of meaning of culture. It makes it possible to begin envisaging national anti-nationalist histories of ‘people’. And by exploring this Third Space, we may elude the politics of polarity and emerge as the others of our selves (In: Bhabha, 1994:38-9).

2. como traduções podem afetar o processo de recolocação;
3. complexidades culturais implícitas ou explícitas: a cultura do autor x cultura descrita. A cultura do tradutor x cultura descrita.

Arrojo (1993), quando trata sobre a problemática do significado na tradução, declara que a significação na tradução “somente se delinea, e se cria, a partir de um ato de interpretação, sempre provisória e temporariamente, com base na ideologia, nos padrões estéticos e morais, nas circunstâncias históricas que constituem a comunidade sociocultural” (1993: 19). Aí, mais uma vez, devo reconhecer que só um tradutor pós-colonialista se permite analisar suas próprias representações e sentidos culturalmente construídos para uma interpretação e tradução que encaminhem seu leitor para a descolonização de mentes através da arte e da educação.

Referências

- Arrojo, R. (1993). “A que são fiéis tradutores e críticos da tradução?”, in: *Tradução, desconstrução e psicanálise*. São Paulo: Imago.
- Ashcroft, B.; Griffiths, G. & Tiffin, H. (eds.) (1995). *The Post-colonial studies reader*. London and New York: Routledge.
- Bassnett, S. & Trivedi, H. (eds.) (1999). *Post Colonial Translation: Theory and Practice*. London and New York: Routledge.
- Bhabha, H. (2003). “O local da cultura”, Tradução: Ávila, M.; Reis, E. & Gon-

- çalves, G. Belo Horizonte. Editora UFMG.
- Brydon, D. & Tiffin, H. (1993). *Decolonizing Fictions*. Sidney: Dangaroo Press.
- Derrida, J. (2002). “Torres de Babel”. Tradução de Barreto, J., Belo Horizonte: Editora UFMG. Adams, H. & Searle, L. (1985). *Critical Theory*. University of Florida.
- Epstein, I. (1993). *Gramática do Poder*. São Paulo: Ática.
- Ferrarezi Jr., C. (2003). “Da Natureza do Significado e Suas Implicações”, in: *Livres Pensares*. Porto Velho: Edufro.
- _____ (2003b). “A especialização dos sentidos: palavra, contexto e cenário”, in: *Pensando em Semântica*.(no prelo)
- Nenevé, M. (2003). “Translating back P.K. Page’s Work, Some Comments on the Translation of Brazilian Journal into Portuguese”, in: *Interfaces Brasil/Candá*, vol.1, nº3. Belo Horizonte.
- Niranjana, T. (1992). *Siting Translation: History, Post-Structuralism & Colonial: History, Post-structuralism and the Colonial Context*. University of California Press.